

A LEITURA DO MITO DE JUNITO BRANDÃO

Amós Coêlho da Silva (UERJ / ABRAFIL)

RESUMO:

A recepção do mito em geral: história de deuses e heróis também através de extrações históricas de relatos homéricos e vergilianos, baseadas em comparações equivalentes e episódicas, e não em sentido simbólico. O Olimpo como uma descrição topográfica única, não alegórica: a conversão geográfica do Olimpo, mas muitas vezes apresentada por alguns ensaios descritivos como dotada de forças extraordinárias através de fenômenos naturais, e não na sua dimensão simbólica de criação de uma linguagem pelo Homem. Comparação da catábase no Hades por Ulisses e Enéias. A reinterpretação de Junito Brandão.

PALAVRAS-CHAVE: recepção do mito; Junito Brandão; contribuição junguiana

READING THE MYTH OF JUNITO BRANDÃO

ABSTRACT:

The reception of myth in general: history of gods and heroes also through historical extractions from Homeric and Vergilian accounts, based on equivalent and episodic comparisons, and not in a symbolic sense. Olympus as a unique topographic description, not an allegorical one: the geographic conversion of Olympus, but often presented by some descriptive essays as endowed with extraordinary forces through natural phenomena, and not in its symbolic dimension of creating of a language by Man. Comparison of the catabasis to Hades by Ulysses and Aeneas. Junito Brandão's reinterpretation.

KEYWORDS: reception of the myth: Junito Brandão; Jungian contribution

Introdução

Tomemos a tradução da obra francesa *La légende Dorée des Dieux et des Héros: Nouvelle Mithologie Classique, évue et augmentée*, de Albin Michel, editada em 1945 para comentarmos uma formulação de abordagem do mito em dissonância interdisciplinar com os debates da psicanálise freudiana e junguianas e dos debates sociológicos quanto à dimensão simbólica dos relatos e descrições do mito, nos esforços dos pesquisadores

inauguradores que defendiam um inventário descritivo inacabado sobre o imaginário mítico, na encruzilhada do *lógos* e a subjetivação do Homem.

Um item, por exemplo, que nos remeterá à dimensão simbólica da religiosidade é a catábase: *Esta catábase é a materialização do regressus ad uterum, isto é, do retorno ao útero materno, donde se emerge de tal maneira transformado, que se troca até mesmo de nome. O iniciado torna-se outro.* (Mitologia Grega I, p. 54)

Em uma outra passagem, com o apoio de CHEVALIER E GHEERBRANDT, no verbete :

Numa visão simbólica, o labirinto, como as grutas e cavernas, locais de iniciação, tem sido comparado a um *mandala*, que tem realmente, por vezes, um aspecto labiríntico. Trata-se, pois, como querem Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, "de uma figuração de provas iniciáticas discriminatórias, que antecedem à marcha para o *centro oculto*" (p. 55)

Nas pesquisas francesas, podemos apontar o *Dictionnaire des Symboles* que data de 1982, pela Éd. Roibert Laffont S.A. e Éd. Jupiter... Foi traduzido sob a Coordenação de Carlos Sussekind com tradução Vera Whately *et alii*... Editado pela José Olympio, passou a ter o título de *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Estes dois autores receberam muita colaboração de vários campos, como da Astrologia, Bibliotecários, Budismo, pesquisadores de letras clássicas etc., como estampa numa página inicial... o que demonstra uma abordagem interdisciplinar, além de advertência sobre aproximações entre verbetes... O conceito aqui de simbolizar é, em certo sentido, um olhar humano analógico sobre os objetos... Simbolizar é uma busca do *Homo Sapiens*, cuja primeira experiência ao sair do ventre materno é um choro, que significa sua necessidade de amparo e total apoio afetivo... Desde então a sua existência se torna uma busca através de sonhos na escuridão e, não poucas vezes, na claridade, indagando sobre os segredos do desconhecido e do infinito: o desejo, o receio e a ambição.

A recepção do Mito em Junito Brandão

Uma característica da interação social em Junito Brandão em sala de aula e na pesquisa acadêmica era uma ironia com humor e a interlocução como objeto de ironia nunca feria alguém, nem ao menos magoado.

Comentaremos as obras mais importantes, editadas pela Editora Vozes e constantes de nossa bibliografia.

Quem assistiu às aulas de Junito Brandão pôde presenciar cenas, como estas, admoestando sobre vícios de linguagem: “Se você disser ‘remorzo’, então eu posso dizer ‘catarze’”, ou ainda sobre: “O nome da divindade é ‘Dioniso’, ‘Dionísio’ é nome de historiador...”.

É muito frequente a leitura sobre o Olimpo como identidade geográfica e histórica grega, e não como uma antromorfização dos gregos. Assim, se simplifica como morada dos deuses, e não como uma necessidade de localizar um ponto ou um centro, como o define Chevalier e Gheerbrandt, no verbete **CENTRO, 219: O Centro é antes de mais nada o *Princípio* (23), o *Real absoluto* (156) ...**

No Dicionário de Mitologia Grega, lê-se sobre o verbete “Olimpo”: *Na Hélade era grande o número de montes com este nome.* Em seguida, aborda a forma poética de Homero...

Na *Mitologia Grega I*, nos apresenta a necessidade humana de ter uma certeza, uma verdade absoluta:

Todas as culturas têm sua montanha sagrada. Moisés recebeu as Tábuas da Lei no Monte Sinai; Garizim foi e continua a ser um cume sagrado nas montanhas de Efraim; o sacrifício de Isaac foi sobre a montanha; Elias obtém o milagre da chuva nos píncaros do monte Carmelo (lRs 18,45); uma das mais belas pregações de Cristo foi o Sermão da Montanha (Mt 5,lsqq.); a transfiguração de Jesus foi sobre uma alta montanha (Mc 9,2) e sua ascensão, sobre o monte das Oliveiras (Lc 24,50; At 1,12) ... (p.192)

Propõe uma leitura de seu *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*, (DIMER), defendendo um ponto de vista identitário do povo romano, como por exemplo, no verbete RÔMULO, adverte sobre a importância do imaginário popular nas lendas míticas, vale a pena a leitura sobre a loba, com sua expressividade de fecundidade: “a Loba Luperca aleitou Rômulo e Remo...”, fundamentado em Tito Lívio, *Ab Urb. cond.* 1,4; mas tão banalizada quando está fora da suas descrição pictórica, onde registra uma dimensão simbólica e consagrada na História. Sobre os gêmeos Rômulo e Remo, nos diz:

Uma loba, animal consagrado a Marte, os aleitou, e um picanço, igualmente denominado a ave do deus da guerra, lhes trazia diariamente alimentação sólida, Inspirado pelos deuses, o pastor Fáustulo passou pelo local e, percebendo que os meninos sobreviviam miraculosamente,

recolheu-os e os entregou à sua esposa Aca Larência, para que os criasse.

Alguns mitógrafos, adotando a teoria evemerista, afirmam que a pretensa loba, que salvou os meninos, era a própria Aca Larência, que, por sua conduta irregular, recebera o epíteto de *Lupa*, Loba, vocábulo que possui também em latim a conotação de “prostituta”, como escreve Cícero a respeito do cortejo de depravados que sempre acompanhava Clódio, assassinado por Milão: *Pro Mil.* 55: *Ille qui semper secum scorta, semper exoletos, semper lupas duceret* – Aquele (Clódio) levava sempre em sua companhia as cortesãs, os dissolutos e as prostitutas. (p.262)

Note-se o cuidado de revisitar a Literatura Latina, recolher de Tito Lívio e em seguida de Cícero, colhendo emblematicamente fontes fidedignas e filológicas. Dito de outro modo: sem a referência de episódio histórico, conhecido por todos.

Disserta demonstrativamente, mas vai além da teoria sem que sua escrita perca sustentação epistemológica, às vezes para o leitor tão abstrata. Não abre mão de recursos ímpares de interação social entre professor e aluno: o destaque de alguns mitógrafos; e não a generalização quando se focaliza na lenda a “loba” presente em museus atuais... Lemos em outros a generalização; banalizam o mito e, não para marcar a expressão mítica como alegórica. Junito se estribou na citação acima de Cícero. Assim, tratando o tema da aula de modo sério, sem a repetição simplista da lenda, como já ouvimos, oportuna e, infelizmente, em narrativas como, Apolo, deus da beleza; Marte, deus da guerra, Netuno, deus do mar, com o propósito de avaliação a ser apurada em exames finais em aulas de Graduação universitária.

As aulas e os escritos míticos de Junito Brandão tinham origem numa tomada de múltiplas leituras bibliográficas. No seu DIMER acima, pode-se ler sobre a identidade de Roma:

Os latinos, na realidade, salvaguardaram sua personalidade ao longo de múltiplas peregrinações no seio de populações alógenas, passando, como se verá, pela experiência etrusca, pela esmagadora influência cultural grega e pela mística oriental. A obstinação com os mesmos gestos arquetípicos assegurou-lhes a originalidade ritual no decurso dos séculos, durante os quais Roma continuou a assimilar novos cultos e ideologias diferentes. Agasalhava o alheio, que lhe interessava, sem alterar o que lhe fosse peculiar. A excepcional duração deste processo pressupõe, de um lado, a solidez inicial da essência litúrgica, e de outro, a primazia do rito, que se manteve, em princípio, inalterável, mesmo atravessando variadas mutações conceituais. (BRANDÃO, 1993: 7)

Para ilustrar, esta característica na abordagem de Junito Brandão sobre a Eterna Roma, citemos uma equivalente como a do poeta Ovídio na sua criação poética do mito

de Narciso. Como se sabe era corrente na oralidade da Beócia a lenda e o rito frequente entre os beocianos, devidamente registrado pelos mitógrafos como em P. Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque & Romaine*.

Ovídio, como poeta de Roma, teceu um outro episódio mítico, quando associou aos retalhos já existente da oralidade, ou seja, Liríope, Cefiso, Tirésias e Narciso, a ninfa Echo, que, como acentua o tradutor das *Metamorfoses* ovidianas, Georges Lafaye, o Poeta criou a interação social entre Narciso e a ninfa Eco: *Ovide est le premier poète, à notre connaissance, qui ait raconté cette légende de Écho et qui l'ait mise en rapport avec celle de Narcisse*. (p. 81) Não foi em vão que no seu capítulo do Volume II da Mitologia Grega, nos apresentou uma tradução não sua, mas de “Antônio Feliciano de Castilho nos deu, com sua tradução do latim em português castiço” (p. 177)

Para não nos alongarmos, vejamos um outro caso no seio da plebe, porém com a identidade latina, na exposição do Prof. Junito:

A mentalidade romana, entretanto, se nos apresenta antianthropomórfica, antimítica e ametafísica. É bem possível que os itálicos, inconscientemente, vissem na antropomorfização uma atitude narcísica, pois nada é mais grato ao homem do que sua própria imagem. A antropomorfização e a mitização tardias, quando Roma foi tomada culturalmente de assalto pela Hélade, foram, na realidade, artificiais, sem muito interesse religioso. (p. 11)

Ora, prevalece em Roma o animismo indo-europeu, ou seja, um estágio religioso que identifica nos objetos da natureza uma ação e reação intencionais. O animismo dos antigos romanos é atribuir um lugar divino ao fato da seiva ser produzida pela fermentação nas entranhas da terra, subir pelo caule e se tornar um fruto como é o caso da ação divina do deus *Sterquilinus*, que preside ao esterco (como o diz SPALDING, [Tassilo Orpheu, Dicionário da Mitologia Latina, SP: Cultrix, 1972]: STERQUILINUS).

Num dos verbetes, que lemos lá no DIMER, Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e Religião Romana, é o epítetos de Pilumno; aí, temos a “Vox populi” latina de um outro epíteto: “Stercutius”: *Stercutius, Estercúcio, palavra derivada de “stercus”, esterco, era tido como inventor do estrumo para fertilizar a terra, o que era atribuído igualmente a Picumno.* (BRANDÃO, 1993: PILUMNO)

Algumas obras da sua leitura bibliográfica foram destacadas em sua peneira de referências bibliográficas de alta qualidade, outras não mencionadas nestas referências, entretanto, expostas brevemente, porém, rejeitadas, discretamente, como lemos na Mitologia Grega, volume III:

“Este Terceiro Volume foi sem dúvida um parto difícil. (...)

O primeiro problema a enfrentar foi a carência de uma bibliografia adequada e confiável em nossa língua. Tal fato obrigou-me a “importar” [aspas do Autor] nestes últimos três anos uma razoável “biblioteca heróica” que se acha, por sinal, indicada nos dois primeiros Volumes e sobretudo nas notas de rodapé e bibliografia deste terceiro. Acontece, no entanto, que exceto as obras formidáveis de Angelo Brelich, Philippe Sellier e, em parte, as de H. Jeanmaire, Joseph Campbell, Marie Delcourt, Martin P. Nilsson, Otto Rank, Robert Graves e K. Kerényi, que assim mesmo focalizam tão-somente as funções do herói, as demais falam de tudo um pouco, “inclusive” de alguns aspectos dos paladinos que nasceram *para servir*...

Somando tudo, chegamos à conclusão de que o único recurso era voltar às *origens*. Com a paciência e persistência das formiguinhas do mito de *Eros e Psiqué*, debrucei-me resoluta e corajosamente sobre Homero, Hesíodo, Píndaro, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Platão, Apolônio de Rodes, Apolodoro, Pausânias, Ovídio, Higino, entre outros, e refiz o caminho ao contrário do que planejava. Primeiro, *Grécia e Roma*, e depois o que os modernos pensaram, repetiram e disseram!”

De modo que Junito Brandão consultou os inauguradores dos estudos da dimensão simbólica. Todos aqueles que concretizaram uma episteme sobre a importância da subjetividade no discurso alegórico, no entanto, não escaparam a interrogações de Junito Brandão. Interrogação também de alto valor epistemológico e com alto teor crítico, rastreado nas leituras de Literatura Greco-Romana, já que, por exemplo, sobre o herói: “Estou consciente de que dei apenas a saída. Ainda falta muito o que dizer sobre o *herói grego* (...)”, como nesta passagem, depois de longo exame das múltiplas interpretações de pesquisadores de alto quilate bibliográfico, na Introdução do volume III, *Mitologia Grega*, não deixou de fazer as próprias achegas:

“Não seria mais simples dizer que o *herói*, seja ele de procedência mítica ou histórica, seja ele de ontem ou de hoje, é simplesmente um *arquétipo*, que “nasceu” para suprir muitas de nossas deficiências psíquicas? De outra maneira, como se poderia explicar a similitude estrutural de heróis de tantas culturas primitivas que, comprovadamente, nenhum contato mútuo e direto mantiveram entre si? Da Babilônia às tribos africanas; dos índios norte-americanos aos gregos; dos gauleses aos incas peruanos, todos os heróis, descontados fatores locais, sociais e culturais, têm um mesmo perfil e se encaixam num modelo exemplar.”

A *Paideia Grega* ficou retratada no seu (DIMEG) *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega* em dois volumes, onde o Mestre Junito pôde destacar, por exemplo,

sobre Plutão “‘o rico’, com referência não apenas a ‘seus hóspedes inumeráveis’, mas também às riquezas inexauríveis das entranhas da terra (...)”

Assim sendo, ainda bem que, indo além dos poetas helênicos, leu Jung, o qual (*apud* Dicionário de Símbolos, Jean Chevalier e Alain Gheerbrandt), neste verbete “Plutão”, nos adverte sobre nossas trevas interiores – de tendência tão destrutiva, ou o nosso dragão:

*(tais trevas interiores), ligadas à noite original da alma, isto é, às camadas arcaicas da Psique. Quando Jung declara que o homem civilizado ainda arrasta atrás de si a **cauda de um sáurio**, fixa a imagem governada por este planeta. É o teclado das tendências afetivas do estado **sadoanal** com as forças do mal: o negro, o feio, o sujo, o mau, a revolta, o sadismo, angústia, o absurdo, a negação, a morte (...)*

E o “*pragmatismo histórico latino*”, de cunho colonialista, mesmo bem intencionado e herdado por Luís Vaz de Camões, em *Os Lusíadas*, símbolo das Grandes Navegações, é bastante presente nos versos vergilianos, *Eneida* VI, 848-853:

(credo equidem), vivos ducent de marmore vultus,
orabunt causas melius, caelique meatus
describent radio et surgentia sidera dicent: 850
tu regere imperio populos, Romane, memento
(hae tibi erunt artes), pacisque imponere morem,
parcere subiectis et debellare superbos.'
(*Creio, de fato, [o pai Anquises o diz]*), alguns retirarão do
mármore vivos rostos,
Defenderão melhor as causas, descreverão o curso dos astros
E com o compasso elucidarão os seus movimentos:
Tu, Romano, há de reger pelo governo os povos, lembra-te
(estas serão as tuas artes), impor o costume da paz,
Poupar os que se submetem e debelar os soberbos.

A isso também se refere o DIMER, no verbete ROMA, do Junito, numa abordagem inédita para a posteridade:

Roma tornou-se alegoria da cidade homônima, que passou a receber um culto nas cidades gregas conquistadas pelas legiões romanas. Depois da apoteose de Augusto, no ano 14 p.C., esse culto se tornou oficial em todas as províncias do Império (...)

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.

_____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols. I-II.

_____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*.

Petrópolis, Vozes, 1993.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1968. 2 v.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mytthologie Grecque & Romaine*. Paris : Presses Universitaires de France, 1951.

MEUNIER, Mário. Nova Mitologia Clássica: A Legenda Dourada – História dos Deuses e Heróis da antiguidade. Tradução de Alcântara Silveira. Brasil: Ibrasa, 1976.